

ANÁLISE DA IMPLEMENTAÇÃO E ACOMPANHAMENTO DOS PROTOCOLOS DE SEGURANÇA DO PACIENTE EM HOSPITAIS DE ANÁPOLIS

Stephanie Marques Oliveira¹

Leandra Pereira de França¹

Rebeca Carrijo Roza Siqueira¹

Luciene De Souza Barbosa Gomes Silva¹

Elisângela Rodrigues Boeira¹

Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA

RESUMO

Introdução: A segurança do paciente é essencial para a qualidade da assistência em saúde, prevenindo eventos adversos e promovendo cuidado seguro. **Objetivo:** Avaliar a prática de enfermagem na implementação e acompanhamento dos protocolos de segurança do paciente em dois hospitais de Anápolis, Goiás. **Método:** Estudo transversal com 24 profissionais de enfermagem (9 da Instituição A e 15 da Instituição B), por meio de questionário eletrônico. **Resultados:** Todos conheciam os protocolos, sendo a eficiência avaliada como “boa” por 66,7%. Os principais desafios foram comunicação entre profissionais (37,5%) e segurança na prescrição de medicamentos (29,2%). O monitoramento ocorreu principalmente via indicadores e vistorias (58,3%). Na cultura de segurança, destacaram-se comunicação efetiva (41,7%) e dupla checagem (37,5%). Sugestões incluíram melhorar comunicação (54,2%), ampliar treinamentos (16,7%) e fortalecer notificações de eventos adversos (20,8%). **Conclusão:** Apesar do conhecimento dos protocolos, há fragilidades na comunicação e monitoramento, exigindo estratégias educativas e acompanhamento sistemático para fortalecer a segurança do paciente.

Palavras-chave: Segurança do Paciente; Protocolos; Enfermagem; Eventos adversos.

INTRODUÇÃO

Falhas no processo de segurança do paciente geram custos elevados para o sistema de saúde e para as finanças globais em decorrência de danos e mortes causadas por eventos adversos (OMS, 2021). Até 83% dos eventos adversos em países em desenvolvimento poderiam ser evitados com medidas de segurança adequadas (SLAWOMIRSKI et al., 2017). Diante disso, destaca-se a necessidade de compreender as lacunas na assistência à segurança do paciente como uma questão de saúde pública (LUEDY; PEIXOTO, 2024).

A segurança do paciente é definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) a define como a redução do risco de danos desnecessários associados à assistência à saúde, garantindo a efetividade dos serviços prestados, bem como a qualidade e a

humanização do cuidado (OMS, 2021). Nesse contexto, os protocolos de segurança do paciente surgem como ferramentas essenciais ao delinearem diretrizes e práticas fundamentais para prevenir eventos adversos e promover a cultura da segurança nos ambientes hospitalares (Organização Mundial da Saúde [OMS], 2021). Os protocolos preconizados pela OMS para a redução de eventos adversos incluem a identificação correta do paciente, a higienização das mãos, a segurança cirúrgica, o uso seguro de medicamentos e hemocomponentes, a prevenção de quedas e úlceras por pressão, além da comunicação efetiva entre profissionais e do envolvimento do paciente no cuidado (BRASIL, 2013). Dessa forma, o presente estudo visa avaliar a prática de enfermagem quanto à implementação e ao acompanhamento dos protocolos de segurança do paciente em dois hospitais do município de Anápolis, Goiás.

MATERIAIS E MÉTODOS

Estudo transversal, descritivo, realizado em dois hospitais localizados na cidade de Anápolis, Goiás. Foram incluídos profissionais enfermeiros e técnicos de enfermagem admitidos há mais de três meses nas instituições, e excluídos profissionais em período de férias, licença maternidade ou afastados por outros motivos. Participaram enfermeiros e técnicos de enfermagem de ambos os sexos, na faixa etária entre 18 e 60 anos, devidamente registrados no Conselho Regional de Enfermagem (COREN). A coleta de dados ocorreu no período de março de 2025, por meio de aplicação de questionário eletrônico do Google Forms, composto por 14 questões. Todas as coletas de dados foram registradas com autorização prévia dos participantes, mediante assinatura do TCLE, que garantiu a qualidade e a fidelidade das informações. Os hospitais foram identificados por Instituição A (IA) e Instituição B (IB), para garantir o sigilo das informações relacionadas às instituições. Os resultados foram distribuídos em frequências absoluta e relativa, e analisados à luz do referencial teórico sobre segurança do paciente. O estudo faz parte do projeto intitulado “Segurança do paciente: estudo transversal acerca de conhecimentos, habilidades e atitudes de estudantes e profissionais da saúde”, aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da UniEVANGÉLICA (CAAE 74172123.8.0000.5076), seguindo todas as normas éticas e garantindo anonimato e confidencialidade aos participantes, conforme a Resolução 466/2012.

RESULTADOS

Os resultados revelaram que ambas as instituições apresentam avanços na formalização das práticas de segurança, como a existência de planos documentados e sistemas de notificação de eventos adversos. Contudo, foram identificadas diferenças marcantes: Definição de metas: observou-se que a definição das metas de segurança é sustentada principalmente por protocolos e diretrizes internacionais, com maior diversidade de instrumentos formais na IA (tabela 1). A ausência de clareza em parte dos profissionais da IB aponta falhas de comunicação institucional, aspecto que compromete a adesão da equipe (LEMES et al., 2018; SILVA-BATALHA; MELLEIRO, 2016).

Participaram da pesquisa 24 profissionais de enfermagem, sendo nove da Instituição A (IA) e quinze da Instituição B (IB). Em relação ao tempo de trabalho, observou-se diversidade na experiência profissional, variando de 1 a 18 anos de atuação. Na IA, destacaram-se profissionais com mais de 14 anos de serviço (44,4%), enquanto na IB houve maior concentração de profissionais entre 1 e 4 anos (40%). Esse dado evidencia a coexistência de profissionais mais experientes e outros em início de carreira, o que pode influenciar tanto na adesão quanto na percepção dos protocolos de segurança.

Quanto à formação, predominou o nível técnico, representando 58,3% da amostra, enquanto 41,7% possuíam graduação em enfermagem. Apesar dessa diferença, todos os participantes relataram conhecer os protocolos de segurança do paciente, o que demonstra uniformidade no acesso à informação e no reconhecimento da importância dessas práticas dentro das instituições avaliadas.

Na avaliação da eficiência dos protocolos, 66,7% dos profissionais classificaram-na como “boa”, 20,8% como “ótima ou excelente” e 12,5% como “razoável”. Esse resultado indica uma percepção positiva quanto à aplicabilidade dos protocolos, embora ainda haja espaço para melhorias que permitam alcançar níveis mais elevados de excelência.

Entre os principais desafios para a implementação, a dificuldade de comunicação entre os profissionais foi o aspecto mais citado, correspondendo a 37,5% das respostas. Outro ponto crítico foi a segurança na prescrição de medicamentos (29,2%), seguido pela atenção voltada à prevenção de quedas

(20,8%). Esses achados reforçam que falhas de comunicação e no processo de prescrição continuam sendo fragilidades recorrentes, exigindo maior atenção das instituições.

O monitoramento dos protocolos foi descrito principalmente por meio do uso de indicadores e vistorias (58,3%), seguido pela utilização de folders e placas informativas (29,2%). Entretanto, 12,5% dos participantes da IA afirmaram que não havia monitoramento sistematizado, apontando uma lacuna importante no processo de acompanhamento da segurança.

Na cultura de segurança, os aspectos mais valorizados foram a comunicação efetiva entre a equipe (41,7%) e a dupla checagem de procedimentos e medicamentos (37,5%). Outras práticas, como auditorias e análise da prescrição médica, apareceram em menor proporção, mas ainda assim indicam esforços para fortalecer o cuidado seguro.

Ao indicar os protocolos com maior dificuldade de implementação, 58,3% dos participantes destacaram novamente a comunicação, reforçando sua centralidade como fragilidade. Em seguida, apareceram a prevenção de quedas e úlceras por pressão (25%) e a segurança no uso de medicamentos (16,7%). Nenhum participante relatou dificuldades relacionadas à identificação correta do paciente ou à higienização das mãos, sugerindo que esses aspectos já estão consolidados na prática diária.

Por fim, em relação às sugestões para aprimorar a implementação dos protocolos, a melhoria da comunicação foi a mais apontada, com 54,2% das respostas. Outras propostas incluíram a ampliação de treinamentos (16,7%), o fortalecimento da notificação de eventos adversos (20,8%) e a necessidade de monitorar de forma mais sistemática a qualidade da assistência (8,3%).

Esses resultados demonstram que, embora os profissionais conheçam os protocolos e avaliem sua eficiência de forma positiva, ainda existem barreiras relacionadas à comunicação, ao monitoramento contínuo e à prescrição segura de medicamentos. Tais fragilidades reforçam a necessidade de estratégias educativas, de maior integração da equipe multiprofissional e de ferramentas eficazes de acompanhamento para consolidar a cultura de segurança do paciente nos hospitais estudados.

CONCLUSÃO

Os achados reforçam a importância de investir em estratégias educativas, monitoramento sistemático e valorização da equipe de enfermagem, voltadas principalmente para a comunicação e prescrição segura de medicamentos, visando a consolidação e a promoção de um cuidado seguro, resolutivo e centrado nas necessidades dos pacientes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 529, de 1º de abril de 2013. Institui o Programa Nacional de Segurança do Paciente.** Diário Oficial da União: Brasília, DF, 1 abr. 2013. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt0529_01_04_2013.html. Acesso em: 20 abr. 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Patient safety: making health care safer.** Geneva: WHO, 2021. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/WHO-HIS-SDS-2017.11>. Acesso em: 14 set. 2025.

PEREIRA, Maria A.; OLIVEIRA, Fernanda S.; COSTA, Lucas. **Passagem de plantão: uma ferramenta de comunicação efetiva em Unidade de Terapia Intensiva.** Research, Society and Development, v. 14, n. 3, e2714348401, 2025. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/48401/38041/496959>. Acesso em: 14 set. 2025.

SLAWOMIRSKI, Leszek; KLIMONT, Jerzy; GOUDA, Hebe. **The economics of patient safety: strengthening a value-based approach to reducing patient harm at national level.** OECD Health Working Papers. Paris: OECD, 2017.